



Atrizes merecem cetros e louvores

Luiz Fernando Ramos

O mundo pode tremer quando duas rainhas que disputam a mesma coroa se encontram. Foi para concretizar esta situação dramática que Friedrich Schiller escreveu, em 1800, sua peça de maturidade, “Maria Stuart”. No espetáculo “Rainha[(s)] – duas atrizes em busca de um coração” também é esta cena fatal que opera como núcleo organizador. De fato, as diferenças entre a dramaturgia desta “tragédia romântica” de Schiller e aquela criada pelas atrizes e encenadora da atual montagem são enormes. Refletem maravilhosamente os contrastes entre o teatro, como se o conheceu até meados do século XX, e as novas formas espetaculares que artistas do teatro brasileiro contemporâneo vem inventando.

A encenação de Cibele Forjaz é um feito extraordinário e não aconteceu por acaso. Para alcançá-lo ela amadureceu em várias montagens, algumas mais bem sucedidas que outras, um certo modo de combinar a composição e o caos. Filha do Oficina, ela consolida com essas rainhas sua própria marca, ao mesmo tempo em que confirma a origem perfurando fundo. Mas o vinho raro da grande teatralidade não teria jorrado se não fosse o encontro com duas atrizes muito especiais: Isabel Teixeira e Georgette Fadel.

As duas chegam à cena como Isabel e Georgette e, mesmo assumindo progressivamente as falas e os gestos das rainhas Maria Stuart e Elisabeth I – da história da Inglaterra e da peça de Schiller – prosseguirão até o final pontuando suas próprias histórias, opiniões e voracidades. Entregam-se enquanto compositoras, ao vivo, a uma síntese delas próprias com as personagens. Isto é mais que interpretar um papel servindo-se de uma voz previamente escrita. Isto é criar uma voz a partir das próprias entranhas e, num jogo com essas rainhas míticas, reinar sobre a cena. Não é um plano de vôo fácil, nem é para qualquer um. Há que “ralar o coração” como confessam logo de saída. Este coração que pulsa virtual em um centro coroado e é o motor que move a narrativa.

Não há a representação da peça de Schiller, com suas cenas e diálogos, nem há trama a seguir. Há sim um argumento: uma atriz está apaixonada pela heroína Maria Stuart, e desinteressada dos detalhes do jogo de forças políticas que a envolvem, o mundo dos homens. Desse nada, que é um desejo inicial, se tece o espetáculo na disposição de duas atrizes maduras vestirem, cada uma, suas potências dramáticas. Isabel é Lady Maria, a serpente. Georgette

Luiz Fernando Ramos é professor do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP.

é o cavalo Elisabeth. Esta segunda vem do mundo masculino, é a última a entrar em cena, e se apresenta como barro vivo, moldada lenta e minuciosamente num excruciante exercício de sangramento, até ser, finalmente, explicitada na sua feminilidade. A outra é a “mulher bomba”, aquela que diante da decapitação certa prefere explodir em júbilo moral.

Tudo isto já está latente em Schiller. O que é novo e alvissareiro é o modo de usar e de fazer. Na linhagem de espetáculos como o “Ensaio Hamlet” da Cia dos Atores e “Da Gaivota” de Enrique Diaz, do qual Isabel Teixeira participou, o clássico é reescrito pelas atrizes de seus idiossincráticos pontos de vista. No aproveitamento da técnica do contato improvisação do Nova Dança e das estruturas de improvisação de

Cristiane Paoli Quito, com quem Georgette fez “Esperando Godot”, de Beckett, escreve-se uma dramaturgia cênica aberta às variações. Costurando essas escrituras corporais e anímicas há a intuição e o traço luminoso de Cibele Forjaz, que captura as partituras líricas criadas por cada uma das atrizes e as põe em diálogo cênico num desenho rigoroso e arrojado, cheio de nuances perigosas. As duas atrizes, como verdadeiras rainhas, não temem os riscos e se atiram na volúpia da encenação. Merecem seus cetros e muitos mais louvores. É um espetáculo instalação que contracena, de fato, com a arte contemporânea e encarna, como diria Schiller, o espírito de seu tempo.

Crítica publicada na *Folha de S. Paulo* em 17/11/2008